

ADIOS NONINO¹

Thales Sanson de Bem Schäfer¹

¹*Universidade Federal do Rio Grande do Sul - thalesdebem@hotmail.com*

INTRODUÇÃO

Neste trabalho farei o relato de experiência como monitor da Cadeira de Ensino de História com o professor Enrique Serra Padrós. A base teórica do trabalho é formada pela pedagogia crítica, em especial as contribuições de Paulo Freire e bell hooks, assim como pelos estudos sobre didática de Jorge Larossa. O objetivo central do texto é refletir como a experiência da monitoria contribuiu na minha formação enquanto docente.

DESENVOLVIMENTO

Para começarmos, o que são monitorias? Elas são atividades nas quais alunos auxiliam docentes na execução de disciplinas ao longo do semestre. Para conseguir tal posição, os interessados precisam já ter cursado a cadeira de interesse e inscrever-se nos editais de vagas ofertadas antes do início dos semestres.

Diante disso, em 2021, eu fui monitor da cadeira obrigatória: Ensino de História. Naquele momento, a UFRGS estava com suas aulas à distância. Em consequência, a minha monitoria também. Por isso, todos os contatos foram feitos via Internet.

Outro fato importante foi a saúde do professor. Infelizmente, complicações de saúde dificultaram a sua atuação ao longo do semestre. No decorrer do tempo, pude acompanhar seu processo de adoecimento. Desde o primeiro encontro ele relatou complicações, chegando ao final, tendo eu em companhia de Letícia Fernandes, sua mestranda na época, ministrar as duas últimas aulas.

Com isso, trago Jorge Larrosa para caracterizar esse momento como uma “experiência”. O autor a define como “[...] o que **nos** passa, o que **nos** acontece, o que **nos** toca” (LARROSA, 2002, p. 21). Diferenciando-a de simples acontecimentos diários envoltos pelo automatismo. Para percebê-la precisamos

¹ O título foi inspirado pelo tango de Astor Piazzolla de mesmo nome, o qual foi composto em função da morte do pai do compositor.

de interrupções a fim de conseguir pensar, olhar, escutar, etc (LAROSSA, 2002). Ou seja, são momentos digeridos pela reflexão e que contribuem na formação dos sujeitos.

Desse modo, enquadro o período na monitoria como uma experiência, e esse texto como uma reflexão sobre os sentidos/ensinamentos desenvolvidos e apreendidos a partir do que me passou, ou como Larrosa diria, os meus saberes da experiência (Bondía, 2002). Saberes de caráter individual, mas que defendo serem úteis para a discussão entre os pares. Com isso nos próximos parágrafos exponho resumidamente os três resultados preliminares dessa reflexão.

A personificação do exemplo é o primeiro grande ensinamento. Uma parcela do ensino-aprendizagem faz-se a partir do exemplo. Cada educador deve ter em mente essa responsabilidade, pois sua figura é um elemento importante no processo de ensino-aprendizagem dos educandos. Nesse sentido, segundo Paulo Freire (2022) os professores devem aproximar o falar e o fazer, assim como o parecer e o ser.

No tocante a isso, vale ressaltar que a coerência entre as falas e atitudes do professor era rigorosa. Pregando o amor pela educação, lutou até o fim pela nossa formação. Todos sabiam por exemplo que ele era adversário do autoritarismo. Em face disso, uma de suas últimas promessas foi continuar lecionando até que o governo Bolsonaro acabasse. Mesmo não conseguindo, formou gerações de profissionais engajados.

Outro ensinamento foi a criticidade. No livro Ensinando a Transgredir, a escritora bell hooks lamenta a falta de pensamento crítico em um mundo tão anti-intelectual (hooks, 2017). Este trecho faz-me lembrar dos apelos que o professor fazia para pensarmos criticamente o mundo.

Na cadeira, muitos esforços foram feitos nesse sentido. Discutimos a vida e obra de Paulo Freire, olhamos filmes e documentários sobre educação, fizemos diversos fóruns para analisar criticamente nossas trajetórias estudantis, entrevistamos docentes de história, elaboramos trabalhos escritos para refletirmos sobre o que vimos e até montamos um álbum de fotos!

A lição apreendida é a necessidade da análise crítica constante. Tanto individual como coletiva. Muitos esquecem dessa última. Embora tenhamos que fazer uma crítica pessoal, devemos lembrar que o ato educativo é coletivo. Por isso que a reflexão não pode ficar restrita ao indivíduo.

Por fim, a amorosidade foi a questão que mais me marcou. Esse modo de agir afetoso foi expresso comigo antes, durante e depois da monitoria e com os alunos durante toda a cadeira. Lembro desde o e-mail que recebi antes da primeira reunião até a mensagem de agradecimento pelos meus trabalhos enviada dias antes do seu falecimento.

Nesse período, sua amorosidade foi polissêmica. Não estava contida só no “eai guri” que ele falava quando me via, ou no “tá, agora vamos jantar” depois das aulas. Na verdade, estava no seu modo de ouvir as nossas proposições, nossos sentimentos e ressentimentos. Estava nas suas falas, nas suas críticas às conjunturas, nos seus posicionamentos enfáticos contra o autoritarismo, assim como na esperança que nos provocava.

A amorosidade, portanto, estava no diálogo, nas proposições didáticas e na preocupação conosco. Era ao mesmo tempo o conteúdo e a forma; a linha e o tecido. Com isso, percebi que o amor é um elemento essencial, mas não intrínseco ao ato educativo. Na verdade é um nutriente que constantemente devemos repor. A amorosidade que nos ensinou é uma postura ética consigo, para e com os outros, fundamental para o processo de ensino aprendizagem.

CONCLUSÕES

Diante do exposto, tento agora concluir esse apanhado de reflexões. Nessa experiência, percebi um lado mais humano da docência. A personificação dos discursos, a criticidade e a amorosidade são as maiores contribuições para a minha formação. Presenciei um processo educativo com atitudes louváveis de um professor que em face de suas condições continuou resistindo e educando até o fim. Na minha trajetória, entendo-o como um esboço virtuosamente traçado, que tentarei (re)criá-lo, corrigindo-o e aperfeiçoando-o no diálogo entre minha ação e reflexão.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. Ensino exige comprometimento. In FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020. 3.2 94-96.

HOOKS, B. Êxtase. In HOOKS, B. Ensinando a Transgredir. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. 14, 265-273.

LAROSSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan./abr., 2002.